

## REFERÊNCIA:

LEFFA, Vilson J. ; LOPES, Rita de Cássia Campos. Determinação sócio-lingüística do conceito de leitura. 46ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Vitória, 17 a 22 de julho de 1994. p. 447 (Resumo).

### DETERMINAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA DO CONCEITO DE LEITURA Vilson J. Leffa e Rita de Cássia Campos Lopes, UFRGS

O objetivo deste trabalho é descrever o conceito de leitura de alunos já alfabetizados, levando em consideração aspectos sociolingüísticos. Não se trata, portanto, apenas do conceito que o aluno traz para a escola, já amplamente estudado (Ferreiro e Teberosky, 1986; Kato, 1988), mas também do conceito transmitido ao aluno pela escola, tanto a escola pública como a escola particular.

Nossa hipótese é de que a origem sócio-econômica do aluno determina sua visão de leitura. Para testar essa hipótese, selecionamos duas escolas de um mesmo bairro, uma pública, que atende o lado pobre do bairro, que denominaremos *classe popular*, e que é composta principalmente de filhos de operários; e uma escola particular, que atende a parte mais afluyente, que denominaremos *classe média*, e que é composta principalmente de filhos de profissionais liberais e pequenos empresários.

De cada escola selecionamos sete turmas, da segunda à oitava série do primeiro grau. Ao todo foram 350 alunos, sendo 143 da escola pública e 207 da escola particular, o que dá uma média diferenciada de 20 alunos por turma na escola pública e 30 na escola particular. Desse total 185 são do sexo masculino e 115 de sexo feminino, numa faixa etária que vai dos 7 aos 17 anos.

Para a coleta de dados foram usados três instrumentos: uma ficha sócio-econômica, uma ficha de

## conceito e uma história com lacunas.

O objetivo da ficha sócio-econômica foi identificar a origem social do sujeito, incluindo dados como a profissão dos pais, renda familiar e condições de moradia.

O objetivo da ficha de conceito foi verificar a percepção do aluno quanto ao processo da leitura. O aluno recebia uma folha com os seguintes dados:

Um dicionário, como você sabe, é um livro que explica o significado de cada palavra. Veja, por exemplo, como o dicionário explica as palavras “lecionar” e “gostar”:

*Lecionar: explicar, dar aulas, trabalhar como professor, ensinar, instruir.*

*Gostar: sentir simpatia por alguém, ter amizade por uma pessoa, achar gosto numa coisa.*

Imagine agora que alguém peça para você escrever um dicionário. Como você explicaria o significado das seguintes palavras:

*Falar: .....*

*Ler: .....*

Procurou-se coletar dados não só sobre o conceito de leitura mas também sobre outros componentes do processo como portadores de texto, estratégias de leitura e finalidades da leitura.

Para a coleta desses dados elaborou-se uma história com lacunas que deveriam ser preenchidas pelos alunos. O enredo da história era sobre um aluno que tinha dificuldades de leitura e contrata um professor para que o ensine a ler melhor. Num trecho da história, por exemplo, o professor personagem diz o seguinte:

A gente não lê apenas livros, mas muitas outras coisas também. A gente lê revistas, placas de automóveis, bilhetes [lacuna para o aluno completar] .

Num outro momento da história o professor personagem vai explicar a diferença entre ler um jornal, um livro e um dicionário. Abre-se uma outra lacuna e o aluno escreve o que o professor deverá ter dito.

E assim, em diferentes momentos da história, o aluno é requisitado a completar o texto, fornecendo dados que devem refletir sua visão das diferentes variáveis do processo da leitura.

As sessões para a coleta dos dados foram realizadas em dois períodos de aula, com a presença de um

dos pesquisadores.

As respostas dos alunos, referentes à ficha de conceito e à história com lacunas foram digitadas através de um processador de textos, produzindo um corpú de 36.120 palavras, com uma média de 103 palavras por aluno nas duas escolas, sendo 106 na escola pública e 101 na escola particular.

Esse corpú produzido pelos alunos foi então analisado através de um programa estatístico, em que se procurou verificar, em primeiro lugar, quais foram as palavras usadas com maior freqüência pelos alunos das duas escolas e, em segundo lugar, onde estavam as maiores diferenças entre uma escola e outra.

A tabela seguinte mostra, por ordem de freqüência, as palavras que foram citadas mais de 50 vezes pelos alunos das duas escolas.

Tabela 1 — Palavras mais citadas pelos sujeitos, por ordem de freqüência.

livro(s)	826	professor(es)	132	significado	84
jornal(s)	518	ser	131	bilhete	74
dicionário(s)	316	atenção	118	letra(s)	73
palavra(s)	314	inteligente	116	estudar	66
revista(s)	231	ter	103	cartaz(es)	66
placa(s)	177	carta(s)	98	leitor	61
aprender	161	história	98	vida	61
leitura	157	entender	97	passar	58

Uma análise preliminar dos verbos mais freqüentes usados pelos alunos (*aprender, estudar, passar, escrever*) parece sugerir, em primeiro lugar, que a leitura está associada à situação de sala de aula. O uso freqüente do verbo *entender*, juntamente com o substantivo *significado*, sugere, por outro lado, que os alunos vêem a leitura principalmente como um processo de significação.

Isso são dados gerais referentes às duas escolas. Vamos agora analisar as principais diferenças entre essas duas escolas: a pública e a particular. É o que mostra a Tabela 2, considerando apenas as palavras que tiveram mais de 10 ocorrências nas duas escolas. O número após cada palavra indica quantas vezes mais a palavra foi citada em relação a outra escola. A palavra *boca*, por exemplo, foi citada quatro vezes mais pelos alunos da escola particular, enquanto que a palavra *ônibus* foi citada sete vezes mais pelos alunos da escola pública.

Tabela 2 — Principais diferenças entre a escola particular e a escola pública em relação aos termos citados (O número indica quantas vezes mais a palavra foi citada em relação aos alunos da outra escola)

Escola Particular		Escola Pública					
boca	4,0	passatempo	2,0	ônibus	7,0	ano	2,3
óculos	3,8	leitoe	2,0	concentrar	6,7	conversar	2,3
telefônica	3,5	outdoor	1,9	supermercado	4,8	passar	2,3
trabalhos	3,5	receita	1,8	sentimento	4,3	ajudar	2,2
telefone	3,0	automóvel	1,8	escola	3,9	desenvolver	2,2
divertir	3,4	camiseta	1,7	nome	3,4	precisar	2,1
legenda	3,3	comunicar	1,7	trabalho	3,4	vida	2,1
lista	2,5	propaganda	1,7	marca	3,3	emprego	2,0
texto	2,5	papel	1,6	roupa	3,3	ensinar	2,0
cartaz	2,4	particular	1,6	amor	3,0	leiteiro	2,0
voz	2,3	mundo	1,6	meu,minha	2,9	opinião	2,0
caderno	2,2	bula	1,5	rua	2,8	prestar	2,0
lazer	2,2	adorar	1,5	pensar	2,6	aconselhar	1,8
letra	2,1	legal	1,5	loja	2,5	futuro	1,8
				vontade	2,5	estudar	1,6
				biblioteca	2,4	leitura	1,6

Ainda que apresentando as palavras fora de contexto, a análise quantitativa do texto produzido pelos alunos das duas escolas já sugerem algumas diferenças que parecem significativas. Nota-se, por

exemplo, na escola particular, o predomínio de palavras como *passatempo, lazer, adorar, divertir, legal*, enquanto que na escola pública estão, por contraponto, palavras como *vida, emprego, trabalho, futuro*. Confirma-se, a nosso ver, a tese de Magda Soares (1988), segundo a qual a leitura é vista como fruição pelas classe média e instrumento de sobrevivência nas classes populares.

A própria palavra *trabalho* oferece uma diferenciação interessante. No singular, significando *serviço, emprego*, é mais freqüente na escola pública. No plural, significando tarefa escolar, é mais comum na escola particular. Esse tipo de tarefa designado pela palavra *trabalhos*, e que muitas vezes envolve pesquisa bibliográfica ou mesmo de campo, não parece ser muito comum na escola pública.

O uso de palavras como *boca, óculos, voz*, ainda que possam sugerir uma ênfase na leitura como decodificação por parte dos alunos da escola particular, podem também refletir uma história individual de experiência de leitura em voz alta na família, como alguém lendo para a criança na cama.

A predominância da palavra *mundo* na escola particular em oposição à palavra *escola* na escola pública pode indicar o papel mais central da escola nas classes populares. Daí a predominância de palavras como *ensinar, estudar, biblioteca, passar de ano*.

Não há tempo aqui para se examinar todos os aspectos sugeridos por esses dados, mas há um que ainda deve ser, pelo menos, mencionado. É o aspecto afetivo sugerido por palavras como *sentimento, amor, ajudar*, mais freqüentes na escola pública do que na escola particular.

O levantamento das estratégias de leitura foi feito através do preenchimento de uma lacuna da história em que os sujeitos deveriam explicar como se lê um dicionário, um livro e um jornal.

No caso do dicionário, por exemplo, foram consideradas estratégias corretas respostas como as seguintes:

O dicionário se lê por abecedário (4 série estadual)  
O dicionário se lê quando se tem alguma dúvida (6 série particular)  
Um dicionário se lê para se procurar o significado de uma palavra (4 série particular).

Exemplo de uma resposta errada:

O dicionário se lê do começo ao fim (2 série estadual).

Um levantamento desse tipo demonstrou uma superioridade de 1,7 na escola particular em relação à escola pública.

Quanto à leitura do livro, os aspectos mais citados pelos alunos foram a idéia de ficcionalidade, da leitura contínua e do propósito do lazer. Em todos esses aspectos predominou a escola particular (citando 2,5 mais que a escola pública) Alguns exemplos:

Um livro a gente se entrega de corpo e alma a uma história (8 série particular).  
Um livro se lê com interesse de se divertir (4 série particular).  
Um livro se lê para entrar numa história que o autor inventa (8 série particular).

Quanto à leitura do jornal, predominou a idéia de que o jornal é lido pelas notícias. A diferença entre as duas escolas ficou na idéia de seleção do que se lê. Duas vezes mais alunos da escola particular transmitiram essa idéia de que se lê apenas algumas partes do jornal.

Exemplos de respostas consideradas corretas:

O jornal se lê apenas apenas a seção que interessa (5 série particular)  
Um jornal se lê procurando as coisas mais interessantes (7 série particular)  
Um jornal se lê sempre por causa das notícias de morte (7 série estadual)

Exemplos de respostas consideradas incorretas:

Um jornal se lê folheando (4 série estadual)  
Um jornal se lê palavra por palavra (2 série particular)

As diferenças maiores entre a escola particular e a estadual ficaram nas finalidades da leitura. Na escola particular, o objetivo da leitura para se comunicar e se informar é citado 6 vezes mais do que na

escola pública; para se divertir, 2.5 mais. Por outro lado a escola pública supera a particular nos objetivos *para trabalhar* (3 vezes mais citado) e *para ser alguém na vida* (4 vezes mais citado).

## CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi examinar as diferentes percepções do processo da leitura por alunos de uma escola pública e de uma escola particular. Dos diversos aspectos da leitura, considerou-se o conceito, as estratégias e as finalidades da leitura.

Em termos de conceito, não se percebeu diferença significativa entre os alunos de uma e outra escola. Ambos tendem a perceber a leitura como um processo de significação. A leitura pode até ser feita em voz alta, principalmente quando se lê para alguém, mas basicamente, na percepção dos sujeitos, a leitura é feita para se entender o que está escrito.

As diferenças existem em termos de estratégias e de objetivos. Os alunos da escola particular demonstraram a percepção de que não se lê tudo da mesma maneira, de que as estratégias variam em função do tipo de texto. Demonstraram isso de modo mais aguçado que os alunos da escola pública.

A maior diferença entre as duas escolas ficou nos objetivos da leitura. Para os alunos da escola particular a leitura tem como finalidades principais o acesso à informação e ao lazer. Para os alunos da escola pública, a preocupação maior é o acesso a uma vida melhor, a um bom emprego.

Em termos de formação de leitor, nota-se que a escola é mais importante para o aluno da classe popular do que para o aluno da classe média. Pela insistência com que o aluno pobre reproduz o discurso da escola, reinterando a necessidade de prestar atenção nas aulas, de se concentrar na leitura, percebe-se

um autoconceito não muito positivo, um medo de não estar correspondendo. A escola parece ser vista como uma tábua de salvação, última instância para uma vida melhor, e ele não pode perder essa oportunidade única.

A biblioteca, por exemplo, foi mais citada pelos alunos da escola pública por que é lá que eles lêem ou buscam os livros. Os outros alunos lêem em casa, muitos numa posição que só foi citada — e várias vezes — pela escola particular:

Deitado e com interesse de se divertir (4 série particular).

## REFERÊNCIAS

FERREIRO, E. e TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

KATO, Mary. (org.) *A concepção da escrita pela criança*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1988.

SOARES, Magda B. As condições sociais da leitura. In: ZILBERMANN, Regina e SILVA, Ezequiel T. da (orgs.) *Leitura; perspectivas interdisciplinares*. São Paulo Ática, 1988. p. 18-29.